

**CARTAS PEDAGÓGICAS.**  
**Projeto de Extensão “Clube de leitura o jardim”:**  
**Edições cerejeiras, camélias e margaridas...**

Carla M. Antonello<sup>1</sup>

**Palavras-chave:** Leitura. Clube de leitura. Conhecimento.

**Maceió, 20 de outubro de 2022.**

Estimados leitores e leitoras:

Ler, ouvir e encenar as histórias foi e é o meu grande fascínio. Minha lembrança mais distante da infância sou eu lendo histórias, ouvindo e representando. Passava as férias no casarão dos meus tios, que lembrava um hotel, de tão grande que era. Lá moravam duas famílias, que trabalhavam e criavam seus filhos conjuntamente; a palavra partilha era exercida no seu sentido literal, amalgamada ao ambiente.

Nesse contexto, aconteciam as descobertas da infância com meus primos e primas, com idades iguais ou próximas. Uma das tantas atividades com que me deliciava era a reunião na sala de estar, pois nela havia uma vitrola onde ouvimos uma coleção de compactos de vinil com clássicos infantis. A minha predileta era *Ali Babá e os quarenta ladrões*, versão francesa de Antoine Galland, que foi o responsável por introduzir, pela primeira vez, a fábula na coletânea árabe chamada de *As mil e uma noites*, um mundo remoto e peculiar da nossa realidade sociocultural, uma narrativa rica de detalhes, que nos transportava, como se por um momento houvesse uma suspensão da vida cotidiana para conhecermos as personagens, sentir os suspenses, as pausas, enfim, tudo que nos envolve quando embarcamos na ficção. Não é à toa que a arte de contar histórias permanece há gerações, naquele antigo ditado que diz muito bem: “quem conta um conto aumenta um ponto”. Para mim, eram pontos aumentados de forma ilimitada pela minha imaginação.

Esses momentos sempre me levaram a abstrair deste mundo e adentrar em outros contextos sociais desconhecidos e inimagináveis. A seguir, na adolescência, conheci o teatro.

---

<sup>1</sup> Doutora, Escola Técnica de Artes da Universidade Federal de Alagoas, [carla.antonello@eta.ufal.br](mailto:carla.antonello@eta.ufal.br).

---

Comecei a ver peças no teatro chamado *Treze de Maio*, o mais antigo da cidade de Santa Maria/RS, com estrutura de palco italiano. Minha maior surpresa foi assistir a uma peça num espaço alternativo, em um subsolo. Talvez seja o motivo pelo qual cheguei a apreciar a mesma peça umas três ou quatro vezes, diante da novidade que me impactava.

Fiz parte também de uma oficina de teatro na escola, em horário extra, o que foi decisivo para a minha escolha profissional, como um fio condutor da minha história de vida que me levou a seguir no curso de *Educação Artística Licenciatura Plena em Artes Cênicas* na Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Esse gostinho de ler, ouvir e representar histórias continua presente no meu dia a dia. Como, por exemplo, na minha atuação profissional, no Curso Técnico em Arte Dramática da Escola Técnica de Artes da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), tanto em sala de aula com as disciplinas, como no grupo que coordeno e enceno peças, o LEPPE – Laboratório de Estudo e Pesquisa de Processos de Encenação.

No momento, estamos montando *O Mundo do Guerreiro*, escrita por mim e pelos integrantes do coletivo no período pandêmico, com inspiração em *A terra dos meninos pelados*, de Graciliano Ramos, que vinculamos com a Manifestação Cultural do Guerreiro e com as nossas histórias de infância. Nossos encontros são recheados de narrações sobre as vivências de infância e, aos poucos, de história em história, criamos um texto que será lançado num livro com ilustrações. Histórias me fascinam e me proponho a ler, ouvir, contar e encenar, além de despertar o interesse em meus estudantes e em quem convive comigo.

A pergunta que faço no início de cada semestre é: qual o livro que você está lendo? Percebo que causa um burburinho entre os estudantes; em contrapartida, há as mais variadas respostas, algumas vezes bem sinceras, em admitir que não se está lendo, e ainda que não se costuma ler. Contudo, há os que têm uma resposta na ponta da língua: são os leitores habituados. Essa questão da importância de ler é intrínseca à formação dos alunos, pois um dos elementos do trabalho do ator é a imaginação, e um dos meios de desenvolvimento se dá pela leitura, da apreciação de arte (teatro, cinema, música etc.).

Em tal contexto, me questionei: como despertar a vontade dos estudantes para que leiam? Como incentivá-los a querer ler, até se tornar um hábito? Como ministro a disciplina *História de Teatro*, um dos requisitos é que os estudantes leiam peças de teatro. Também

---

utilizo a metodologia de leituras dramáticas com cenas pré-selecionadas que compõem os principais períodos históricos. Isso gera debates fervorosos sobre as questões levantadas nas peças. Nesse sentido, observei o quanto é fundamental ter com quem dialogar e compartilhar impressões dos textos. Nesse meio tempo, conheci um estudante que se interessou em fundar comigo um clube de leitura na escola.

Esse acontecimento foi o empurrão de que precisava para colocar um sonho em ação. Assim, escrevi o projeto de extensão ação contínua: Clube de leitura o Jardim, um projeto sazonal. Cada ciclo é nomeado por uma planta, e focamos nossas investigações em diferentes formas e expressões narrativas encontradas em diferentes culturas e períodos da história, como um espaço democrático de formação de leitores e de aprofundamento de análise textual.

Eliane Galvão Ferreira (2009), em sua tese *Construindo histórias de leitura: a leitura dialógica enquanto elemento de articulação no interior de uma biblioteca vivida*, argumenta sobre o ensino de literatura na sala de aula, considerando-o como uma atividade democrática. Utiliza três modalidades de leitura: uma opcional, outra indicada pela professora, e a terceira também opcional, mas escolhida entre obras sugeridas pela professora. O ponto central é despertar o interesse pela leitura, entre as de caráter obrigatório, as do dever, e as do querer. Assegura ao aluno o livre-arbítrio, com a mediação do professor como orientador no processo de leitura.

Nesse aspecto, levamos essa proposição ao clube de leitura e aguardamos sugestões de textos para fazer parte dos ciclos, além de indicações de leituras sobre obras que são lidas nos encontros. O projeto definiu como seus destinatários os estudantes da Escola Técnica de Artes e é aberto para a comunidade externa, ou seja, para quem tem vontade de participar. Os encontros ocorrem de modo *on-line*. Houve somente um encontro presencial após o retorno da pandemia, mas, diante das dificuldades de locomoção, decidimos que seria mais fácil acessar o encontro a distância. Também nosso clube se realiza uma vez por mês, para ter tempo hábil de leitura. Muitos integrantes relatam que a participação no clube faz com que pelo menos um livro por mês seja lido.

O primeiro ciclo começou com o Clube de Leitura O Jardim: Cerejeiras (2021.1), sobre a literatura russa dos séculos XIX e XX, com narrações mais curtas. Utilizamos os seguintes textos: *Lady Macbeth do distrito de Mzensk*, de Nikolai Leskov; *O Nariz*, de

---

Nikolai Gogol; *O Primeiro Amor*, de Ivan Turgueniev; *Enfermaria nº 6* e *O Jardim das Cerejeiras*, de Anton Tchekhov. Os encontros são marcados por um clima que favorece a criação de uma atmosfera acolhedora, possibilitando aos participantes discorrer sobre suas impressões. Comumente observo que existe uma correlação entre sua vida e o texto lido, o que leva a um ambiente de confiança e a relatos de uma “pessoalidade” que agrega: o querer compartilhar.

O segundo ciclo foi o Clube de Leitura O Jardim: Camélias (2021.2), com textos franceses: o conto “A mulher adúltera”, de Albert Camus; o romance *O amante*, de Marguerite Duras; o romance *História do Olho*, de Georges Bataille; e peça teatral *A dama das Camélias*, de Alexandre Dumas Filho. Cada ciclo nos proporciona adentrar em temáticas variadas, permeadas de conteúdos de interesse universal. Neste, tivemos até um acontecimento peculiar: um juramento de ‘mindinho’, que significa um acordo para a realização de qualquer ato das pessoas envolvidas no ritual. A quebra de uma promessa de mindinho é considerada por seus usuários um ato grave, por não dar prosseguimento a um compromisso acordado.

Essa proposta acabou gerando muitas risadas, pois houve um acordo para falar livremente sobre questões pessoais que deveriam ficar restritas aos participantes do clube. Os relatos de experiências pessoais revisita a ideia de Jorge Larrosa (2014, p. 10), quando este afirma: “a experiência é algo que (nos) acontece e que, às vezes, treme ou vibra algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão”. Essa experiência de partilhas pessoais abre espaço para que o clube de leitura seja também um lugar para futuras amizades, já que as pessoas acabam se conhecendo e se expondo, honrando acordos de confiança para poderem expressar seus pensamentos e experiências.

Como o tempo passa rapidamente, já estamos no terceiro ciclo, o Clube de Leitura O Jardim: Margaridas. Este conta com autores brasileiros, a saber: a peça teatral *Apareceu a Margarida*, de Roberto Athayde; *Mata teu pai*, de Grace Passô; *A igreja do diabo*, de Machado de Assis e *Valsa nº 6*, de Nelson Rodrigues. Nesta terceira edição percebemos que o clube trabalha com uma certa frequência de participantes, mas também com a entrada de novos estudantes. Alguns permanecem, o que condiz com a pergunta comentada anteriormente sobre suas leituras, que leva alguns a se darem conta da importância de se voltarem a este hábito.

---

Como a leitura frequentemente é realizada de forma solitária, observo que o clube proporciona uma leitura partilhada, na qual se aprofundam os subtítulos, o que alimenta a vontade de ler. Isso constitui outra construção em relação à leitura. Por isso, a seleção dos textos para o funcionamento do clube de leitura é variada, levando em conta os participantes e suas indicações. A estratégia auxilia o pertencimento no espaço de partilha. Assim, nas discussões, todos e todas poderão dar a sua impressão e enriquecer a diversidade de subjetividades a partir da forma como cada um estabelece a relação com o livro e a partir do que mobiliza da sua experiência, que é pessoal, para estabelecer essa relação. Como diz uma participante frequente, ex-aluna do Curso Técnico em Arte Dramática: "Para mim, o Clube de Leitura tem sido uma grande oportunidade de encontro com a literatura. É um encontro de muito aprendizado e enriquecimento pessoal. Um mergulho no cotidiano da cultura mundial" (C. Lins, 2022). Ou como diz um professor que participa sempre do Clube: “Da literatura à leitura, da leitura à dramaturgia, o clube de estudos sustenta nossa inventividade e nossos ideais no fazer teatral” (W. Anunciação, 2022).

Partindo dessas expressões, o clube de leitura me lembra a poesia *Das utopias* de Mário Quintana (1951, p. 40), que nos diz: “Se as coisas são inatingíveis... ora, não é motivo para não querê-las. Que tristes os caminhos, se não fora a mágica presença das estrelas!” O ato de encorajar leitores a fazerem parte de um clube de leitura com assiduidade é um algo utópico, contudo possível, mesmo percebendo o vaivém, as entradas e saídas, e algumas permanências. Insisto que o ato de ler é essencial para qualquer área do conhecimento, um processo de ensino-aprendizagem em uma formação contínua.

Despeço-me, estimado(a) leitor(a), com o desejo de que venha agregar-se ao nosso clube de leitura, que é aberto. Basta querer, pois estamos de braços abertos.

Cordialmente,

Carla M. Antonello.

## Referências

---

FERREIRA, E. A. G. R. **Construindo histórias de leitura:** a leitura dialógica enquanto elemento de articulação no interior de uma biblioteca vivida. Assis, 2008. 300p. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, *Campus* de Assis, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência.** 1. ed. Tradução de Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

QUINTANA, Mário. **Espelho Mágico.** Porto Alegre: Globo, 1951.